

Diálogo *Expresso* 25/2/84

Maputo-Pretória sugere clima de confiança

MAPUTO

Alves Gomes

MOÇAMBIQUE e a África do Sul poderão muito brevemente vir a assinar um acordo sobre segurança, em resultado das conversações iniciadas em Dezembro de 1982, quando delegações ministeriais de ambos os países se encontraram pela primeira vez.

Na segunda-feira passada, em Maputo, e durante o encontro que Samora Machel teve com os ministros dos Negócios Estrangeiros, da Defesa e da Lei e Ordem da África do Sul, foram «definidas as condições para que se chegue a um acordo bilateral na área da segurança entre os dois países», foi-nos afirmado na capital moçambicana.

Uma mensagem do primeiro-ministro da África do Sul, Pieter Botha, para o presidente Samora Machel, foi nessa altura entregue por «Pik» Botha, que mais tarde diria a membros da sua delegação «ter ficado impressionado com o líder moçambicano». Posteriormente, foi revelado na África do Sul que do conteúdo da mensagem fazia parte um convite para um encontro entre Samora Machel e Pieter Botha «numa capital que pode ser Lisboa».

Machel com «Pik» Botha

Em Maputo, e apesar de a imprensa ter dado enorme destaque ao encontro de Samora Machel com «Pik» Botha, não foram dadas até agora nenhuma indicação sobre a possibilidade de «uma cimeira vir a ter lugar», pensando-se que «primeiro há que chegar-se a bom termo sobre questões mais práticas, como as que se referem à implementação dos princípios da paz, estabilidade, progresso e boa vizinhança» definidos por Samora Machel.

Em afirmações que nos foram feitas por funcionários sul-africanos sobre as conversações agora havidas em Maputo, «o gesto do presidente Samora Machel, foi o elemento mais positivo dos contactos», havendo a certeza de que o seu «envolvimento pessoal nas negociações pode viabilizar mais rapidamente soluções locais sem se precisar de recorrer a terceiras partes estranhas à região».

Em declarações posteriores às conversações, e para além de confirmar que «ambos os Governos queriam chegar a um acordo o mais rapidamente possível», o ministro dos Negócios Estrangeiros de Pretória disse ainda que os progressos agora conseguidos se deviam ao facto de «nestas conversações só estarem envolvidos Moçambique e a África do Sul».

A conversa mantida por Samora Machel com «Pik» Botha, Magnus Malan e Louis Le Grange, que se prolongou por cerca de 40 minutos, foi-nos descrita como tendo sido «muito cordial e aberta», com o líder moçambicano utilizando a sua linguagem de imagens, a que não faltaram «algumas referências ao diabo».

EUA acompanharam «à distância»

A atmosfera de optimismo que, entretanto, se tem estado a gerar

sobre o futuro da África Austral e que se pode relacionar também com o acordo assinado entre Pretória e Luanda, na Zâmbia, tem como um dos seus fundamentos a «actuação homogênea e coerente da África do Sul desde que se iniciaram os contactos mais recentes no quadro da iniciativa americana», como nos disse um diplomata ocidental em Maputo.

A presença em Maputo, na segunda-feira passada, de praticamente todos os membros do Conselho de Segurança de Estado da África do Sul, à excepção do primeiro-ministro Botha e do chefe do exército, general Viljoen, é disto prova. O Conselho de Segurança de Estado do regime do «apartheid» é quem toma todas as decisões de fundo na África do Sul, desde assuntos militares a diplomáticos, ou económicos.

Sinal do relevo da participação americana nestas conversações parece ter sido o facto de Chester Crocker, secretário-adjunto para Assuntos Africanos do Departamento de Estado americano, ter permanecido em Joanesburgo até que o encontro de Maputo terminasse. Naquela cidade, e antes de partir para os Estados Unidos, Crocker foi informado sobre as conversações entre Moçambique e a África do Sul, declarando contudo «que ainda não se pode afirmar que tudo está feito».

Um aspecto que merece a unanimidade de todos os observadores é o facto de, na presente iniciativa diplomática, os sul-africanos procurarem não perder tempo em vez de, como aconteceu com a questão namibiana, tentar ganhá-lo. Uma das razões que pode estar por detrás desta atitude pode ser a de que, na próxima semana, o Congresso norte-americano irá debater medidas económicas a aplicar contra a África do Sul. Deste debate consta o corte de fornecimento de tecnologia, levantamento de contratos empresariais e a suspensão da venda do «Kureger Rand», que fazia reverter anualmente para os cofres de Pretória cerca de mil milhões de dólares.

Um jornalista sul-africano de um periódico em língua «afrikans» disse-nos a este propósito que, para o seu país, «as conversações com Moçambique são o assunto mais quente», lembrando que no passado havia ligações humanas (o turismo ou o trabalho migratório) que continuavam a ter enorme importância sobre o distanciamento presente entre os dois estados. Disse-nos, ainda que, por outro lado, o primeiro-ministro Botha «tem hoje mais poder para se lançar neste tipo de iniciativas».

Embora realizadas à sombra da relação Resistência Nacional Moçambicana (RNM), Congresso Nacional Africano (ANC), as conversações de segunda-feira em Maputo revelaram, contudo, uma África do Sul que começa a «aceitar que tem mais poder sobre os bandidos armados, do que Moçambique sobre o ANC», conforme nos explicou um diplomata moçambicano. Com efeito, e apenas dois dias passados sobre o encontro, um comunicado do ANC emitido de Lusaka, indicava que um acordo entre Moçambique e a África do Sul «não irá travar a luta armada do povo sul-africano».